

## EM QUE CONTRIBUIRIA O ESTUDO DO LATIM NA APRECIACÃO DO SINTAGMA LEXICAL PORTUGUÊS?

Amós Coêlho da Silva (UERJ e ABRAFIL)

Michel Bréal (1992) propõe uma pergunta aparentemente simples: *Apenas para (a criança) reconhecer a 'palavra', quanta atenção é necessária?* (163) De modo que até em expressão lingüística *mais simples é um convite a decompor o pensamento e ver o que cada palavra lhe traz.* (163) O sentimento materno, quando obtém um *feedback* de seu diálogo, cujo colóquio vem desde o útero materno, é de bastante alegria quanto ao fato de *ouvi-la falar, vê-la aumentar o vocabulário.* (163)

Por isso, nessa linha de raciocínio, imaginemos o esforço que exigiam as línguas clássicas antigas, mesmo para atender às necessidades do mundo cotidiano, cujo grau de exigência na formulação da linguagem está relacionado praticamente com a subsistência da vida. *Era preciso, para as diversas declinações, estabelecer séries nas quais certas flexões se correspondiam sem se assemelhem e, em que outras, que se assemelhavam, deviam ser mantidas separadas.* (163)

Aliás, sobre as semelhanças e diferenças entre o Latim Clássico e o Português de hoje deve o professor constituir rotineiramente matéria de todas as suas aulas.

A propósito, este capítulo de Michel Bréal se intitula *A Linguagem Educadora do Gênero Humano*. Ele se propõe a abordar em dois tópicos, a saber: *Papel da linguagem nas operações da inteligência. Onde reside a superioridade das línguas indo-européias.*

A complexidade de desinências gregas e latinas faz-nos acreditar que estas línguas nunca tivessem sido populares. No entanto, a língua materna (preferimos língua materna à expressão língua adquirida) se apresenta bastante democratizada. Diríamos, até paradoxalmente, que ela independe até dos pais. Não conhecemos nenhum pai que ensine a criança a dizer *trazi, fazi, di* na flexão de trazer, fazer e dar – respectivamente. Do mesmo modo, pessoas sem escolaridade formam o presente indicativo de *saber* com a forma *seio* e se alguém retrucar “eu sei”, elas repetem: ‘*eu seio*’.

De onde a criança tirou tais “soluções lingüísticas”. É evidente que foi por analogia com os verbos que fazem perfeito *-i*: *devi, bati etc.*, e o *-o* da primeira pessoa, do presente indicativo, o qual, na segunda hipótese, seria a quarta proporcional saussuriana: se *creio* ou *leio*, terei eu ‘*seio*’. Tais falantes se utilizariam da língua materna, mas a partir do sistema. Pelo fato de no Latim Clássico isso ser sistemático – quer dizer, na disposição do dicionário estão figuradas tais desinências identificadoras da pessoa verbal, temos mais um

motivo para acreditar na importância de tais estudos e alertar que o estudo escolar do latim deve ser voltado para o dicionário.

A *analogia* é a semelhança que se torna presente nas diversas peças lingüísticas e torna a língua um sistema. A distinção de Eugênio Coseriu concebe a língua como SISTEMA / NORMA / DISCURSO (PAROLE). O que produz a forma analógica é semelhante à quarta proporcional da Matemática: temos de tolo: tolice (e muitos outros em -ice):: sem-vergonha: X. (MELO, 1967: 245) Enquanto a analogia sistematiza e facilita a nossa capacidade mnemônica, devido à organização em sistema com economia dos elementos lingüísticos, a evolução fonética corrói e altera as formas. Por isso, o estudo do Latim Clássico se impõe tanto quanto o estudo do Latim Vulgar. Há um acervo de elementos provenientes diretos do Latim Clássico, como se lerá abaixo. Do Latim de Cícero, persistem em nosso sistema desinências pela via histórica do Latim Vulgar e este último deve ser estudado para uma compreensão mais profunda do sistema fonológico, mórfico e semântico da Língua Portuguesa.

Desde tenra idade, praticamos operações lingüísticas sofisticadas. A conquista de quase trezentas mil palavras em nosso dicionário atualmente tem relação com a sua base: o latim, que, em dado momento histórico, perdera alguns elementos indo-europeus, mas que, em contato com a civilização grega, retomou tais elementos e passou a praticar articulações lingüísticas das mais sofisticadas.

Assim, a contribuição do poeta Lucrécio (99 a 55 a.C.) é continuidade da linguagem limada de Lívio Andronico (284 a 204 a.C.), grego bilíngüe da cidade de Tarento e o primeiro dramaturgo latino; Névio (270 a 199 a.C.) ultrapassou o seu antecessor Andronico por imprimir em sua obra características do pensamento romano, e Ênio, também poeta bilíngüe, (239 a 169 a.C.) foi o introdutor do hexâmetro datílico – citamos aqui uma pequena parte da plêiade que formulou os passos constitutivos do sistema de uma língua que dominou direta (devido à formação das línguas neolatinas) ou indiretamente (devido aos empréstimos, como se observa no idioma inglês) a Europa .

Ora, Lucrécio, como elo dessa corrente, notou que havia uma *rerum nouitatem, novidade de assunto* (*De rerum natura*, I, 139), entre os gregos, exigindo uma criação de neologismos para que se pudesse dar competência ao idioma do Lácio, superando a *egestatem linguae* (idem), a *pobreza da língua (latina)*; por isso, no seu esforço de expressão clara, recriou um novo item de processo de formação vocabular, articulando em latim uma nova forma, que contém numa única palavra uma estrutura frasal, como era comum entre os gregos, como nestes três exemplos do livro I: *squamigerum* (v.162) (squamirger= squama + ger- – o que leva escama sobre si); *siluifragis* (v.275) (siluifragus= silua + frag-, o que quebra as árvores das florestas); *montitagus* (v.403) (mons + vagus – o que percorre as montanhas) etc.

Alguns nomes compostos de radicais em português conservam a disposição habitual da sintaxe clássica dos helenos e latinos, além de, às vezes, pre-

servar as desinências casuais latinas: jurisprudência (-is, *genitivo singular da terceira*), crucifixo (-i, *dativo singular da terceira*), Deodato (*o primeiro -o, dativo singular da segunda*), fidedigno (-e, *ablativo singular da quinta*). Na modernidade, poderemos encontrar os elementos gregos e latinos em vários idiomas modernos, neolatinos ou não, com finalidade de classificação científica de seres e objetos, ou como o caso da nomenclatura de ciências novas, como psicologia, sociologia, etc.

Há também um jogo de prefixação e sufixação, mais do que estilístico, que já vinha ocorrendo, por exemplo, com o sufixo -ura, em Plauto (254 a 184 a.C.): *cursura, fictura, desultura, sont les substantifs verbaux de 'currere, fingere, desilire'* (MARROUZEAU, 1949: 113) *L'usage de in- privatif s'est particulièrement développé dans la latinité imperial (dans Ovide seul, on compte comme neologismes 'incommendatus' (desrespeitado, ultrajado), 'inconsumptus' (não consumido, eterno), 'incustoditus' (desprovido de guarda) (etc.)* (ERNOUT, A. & MEILLET, A., 1985: 311)

Os prefixos, que são antigas preposições e advérbios do grego e do latim, continuam a denotar movimento e situação no tempo e no espaço, conforme esquema abaixo: Significação básica: 1- Movimento: Espaço/Tempo 2 – Situação/posição: Espaço/Tempo.

Quanto ao movimento temos:

- 1 – para frente: **projetar, progredir** etc.
- 2 – para trás: **retroceder, regredir** etc.
- 3 – para dentro: **importar, introjetar** etc.
- 4 – para fora: **exportar, extrair**, etc., por exemplo.

Quanto à posição ou situação, por exemplo:

- 1 – dentro: **intramuscular, introspectivo**, etc.
- 2 – fora: **extraordinário**, etc.
- 3 – embaixo: **subsolo, subchefe**, etc.
- 4 – em cima: **superposição, supercílio**, etc.
- 5 – contrária: **contraveneno, antipático**, etc.
- 6 – dos dois lados: **ambidestro, anfíbio**, etc.

Através dos séculos, operaram-se muitas mudanças na língua latina, até que se transformasse em românico lusitano com padronização de vocabulário a partir de uma estrutura popular tanto fonológica quanto morfológica. De modo que os empréstimos vieram a se adaptar ao novo sistema fonêmico e estruturação silábica, conforme um aporte do latim vulgar, que se encontra numa constante tendência nas mudanças das formas das palavras latinas impostas pelo romano vencedor. Por exemplo, a desnasalização em *sinu* > *senu* > *seo* > *seio*; *arena* > *area* > *areia*; *frenu* > *freo* > *freio*; a crase em *lana* > *lãa* > *lã*, *pede* > *pee* > *pé*, *nudu* > *nuu* > *nu*, *videre* > *veer* > *ver*, *sede* > *see* > *sé*; a queda das sonoras intervocálicas em *gradu* > *grau*, *nodu* > *noo* > *nó*.

Desde a influência positivista do século XIX, se passou a denominar essas mudanças de *evolução* e as suas causas seriam provenientes de *leis fonéticas*. Modernamente, tais termos (evolução, família de línguas...) continuam sendo empregados, apesar das restrições. Quanto às leis fonéticas, adotamos *tendência* ou *correspondência fonética* pela freqüência das ocorrências fonéticas.

Há, no entanto, os *doublets* de radicais ou formas divergentes ou alotrópicas, quer dizer, existência de vocábulos diferentes que têm o mesmo étimo, como: *macula* > *malha*, *mancha*, *mágoa* e *mácula*; *actu* > *auto* e *a(c)to*; *clauē* > *chave* e *clave*. Sendo *mácula*, *a(c)to* e *clave* classificados como eruditos e *mancha* como semi-eruditos. Os primeiros vocábulos eruditos e semi-eruditos foram introduzidos no português pela Igreja, administração romana e ensino escolar.

No Renascimento, porém, se não houvesse acontecido a intervenção de escritores, que tinham consciência do parentesco latino do português, não disporíamos de um vocabulário tão rico nos nossos dias, porque no processo histórico de evolução do latim para o português quase apenas nos restariam aqueles étimos do caso lexicogênico, ou seja, os provenientes por via do acusativo como *inteiro*, *trevas*, *cadeira*. Não reaproveitaríamos o termo íntegro, como primitiva de *integralizar*, *desintegrar*, *integrante* etc.; assim, desconheceríamos *tenebroso*, *tenebrífero*, *tenebrário* etc.; bem como, não disporíamos de *catedrático*, *cátedra* etc.

Não teríamos também formas derivadas no nosso vernáculo do Latim Literário das seguintes, que não eram faladas assiduamente pelo povo: *domus*, *equus*, *bellum*, *ludus* – *domicílio*, *doméstico*, *domar* etc.; *equino*, *equitação* etc.; *bélico*, *belonave*, *rebelar*, *debelar* etc.; *lúdico*, *ludismo*.

E mais: não teríamos a recondução na Renascença ao modelo latino ao invés do resultado ocorrido no português arcaico de: *abundância* (em latim: *abundantia*) pelo arcaico *avondança*, *estimar* (em latim: *aestimare*) por *esmar*; *formoso* (em latim: *formosus*) por *fremoso*; *martírio* (do grego ‘*martýrion*’ pelo latim: *martyrium*, ii) ao invés de *marteiro*. Influência da grafia etimológica gerou: *digno* ao invés de *dino*; */aul/* > */oul/* era o freqüente, mas passamos a ter em português *áureo* que é do mesmo étimo de *ouro* e o *doublet* *causa* e *cousa*.

Essa operação lingüística se tornou bastante compacta durante o Renascimento, cujos autores recriaram os recursos de ampliação vocabular nos moldes dos clássicos antigos. De fato, são lidos múltiplos exemplos em Luís Vaz de Camões, o marco inicial do português moderno: *tágide* (*ninfa do Tejo* – pelo latim *Tagus*, *-i* + sufixo *-ide*, variante de *-ida*: *Ilíada*, *Eneida* e *Os Lusíadas*). O termo grego ‘*eupatrídes*’ significa *nascido de “bom pai”*, composta com um sufixo indicativo da filiação (*-ides*). Por isso, o gramático latino Varrão batizou o caso latino de **patricus casus** ou **patrius casus** (LL VIII, 66, 67; IX, 54, 76, 85) – *transposição de geniké ptôsis*. Na Grécia antiga, estruturada no patriarcalismo, se recebia o nome do pai, bem como no mundo germânico, ora dominador do Império Romano, o que provavelmente era comum no indo-

européu – é o que se chama patronímico. No mundo ibérico, se formou este patronímico com o sufixo –ici (sendo a terminação –i, um genitivo – com o seu real significado de “relativo ao que foi gerado”). A evolução desta forma veio a dar em espanhol –ez e em português –es, que manteve a significação de filho de, como em: Álvares, Gonçalves, Henriques.

Os participios presentes entraram no português como adjetivos: amante, (*de amare, amar*); cadente (*de cadere, cair*), conveniente (*de convenire, convivir*)... Por influência do Renascimento italiano, entra no português clássico o adjetivo na forma superlativa similar ao latim clássico: *felicissimu-*; *facilimu*; *pauperrimu-*... com preservação do tema clássico de *felix, felicitas*: *felic-* e *pauper, pauperis*: *pauper-*. Os nomes próprios em latim eram dispostos em forma tríplice: o nome de seu grupo consanguíneo, devido ao seu antepassado comum, a *gens* de onde a família descendia: *Cornelius, Tullius, Iulius*, etc.; cognome, identificando o grupo familiar menor: *Scipio, Gracchus, Cicero, Caesar*, etc.; os prenomes, a identificação individual: *Publius, Tiberius, Marcus, Caius*. O que formava um *tria nomina*, uma característica do povo romano: *Tiberius Cornelius Gracchus, Marcus Tullius Cicero, Caius Iulius Caesar*. A Igreja consagrou o prenome no batismo.

A interessante observação de Varrão (116 a 27 a.C.):

*Declinatio inducta in sermones non solum Latinos, sed omnium hominum utili et necessaria de causa: nisi enim ita esset factum, neque discere tantum numerum verborum possemus (infinite enim sunt naturae in quas ea declinantur), A declinação foi introduzida na linguagem, não só latina, mas também na de todos os homens, por causa de sua necessidade e de sua utilidade; não tivesse sido feito assim, não poderíamos aprender tamanho número de palavras (pois, as modificações ('naturae') que apresentam as palavras são infinitas e nem as reconheceríamos dentre as que entre si tivessem qualquer parentescos.*

A representação mórfica com economia da articulação da linguagem foi claramente descrita por André Martinet (1970); no entanto, não deixou de ser observada anteriormente, como se lê nas referências.

É destas breves considerações que concluímos que há motivo suficiente para o estudo de Latim como embasamento da Língua Portuguesa. Todas as modalidades de Latim são importantes, mas o estudo partindo de suas vertentes mais centrais: Latim Clássico e Latim Vulgar já formariam cidadãos leitores mais diferenciados no nosso país.

## BIBLIOGRAFIA

BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica*. São Paulo: EDUC, 1992.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon, s/d.

- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. S. Paulo: Contexto, 2004.
- COSERIU, Eugenio. *Tradição e Novidade na Ciência da Linguagem: Estudos de História da Lingüística*. Trad. de C. A. da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1980.
- DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de Lingüística*. S.Paulo: Cultrix, 1978.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine - Histoire de Mots*. Paris: Klincksieck, 1985.
- MAROUZEAU, J. *Traité de Stylistique du Latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1949.
- MELO, G. C. de. *Iniciação à Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.
- VARRO. *De Lingua Latina*. With an English Translation by R. G. Kent. London: Harvard University.